
ENTREVISTA

JOÃO ÂNGELO OLIVA NETO

João Ângelo Oliva Neto é um dos intelectuais brasileiros que, no campo da tradução, assumiu a tarefa de estimular a que as literaturas fundacionais das letras ocidentais – a grega e a latina – não permaneçam apenas como raízes ocultas, mas tornem-se frutos tropicais. Concebendo moderna e positivamente a tradução como literatura da língua de chegada, e servindo-se de princípios teóricos objetivos e pré-estabelecidos, Oliva Neto traduz do grego e do latim desde 1989, prioritariamente o gênero poético. Entre seus autores traduzidos, encontramos, por exemplo, Catulo, Marcial, Calímaco, Horácio, Píndaro, Plínio, o Jovem.

Atualmente professor na área de Letras Clássicas na USP, Oliva Neto possui graduação, mestrado e doutorado em Letras Clássicas pela USP. Tal paixão pelas letras antigas, conta-nos ele nesta entrevista, é fruto de um desvio apoiado no desejo de “disponibilizar a todos o patrimônio [clássico] da humanidade”. Oliva Neto fez da tradução um instrumento de trabalho e das literaturas clássicas seu objeto de tradução, consciente de que uma das grandes diferenças entre a tradução das literaturas modernas e das clássicas é também sua maior dificuldade: “a mentalidade dos antigos, que grosso modo prioriza o que é público e exterior à pessoa, e a nossa mentalidade, que faz o oposto, prioriza o que é privado e interior da pessoa.”

Em meio a análises e opiniões sobre tradução e mundo clássico, Oliva Neto, na entrevista, lança ainda estimulantes desafios como o de repensar e atualizar o conceito romântico de literatura vigente até hoje e o de projetos de trabalho como os da criação de um *Vocabulário Onomástico* e um *Atlas Onomástico da Língua Portuguesa*.

Cadernos de Tradução (CT): *Quando e como nasceu o seu contato com a tradução?*

João Ângelo Oliva Neto (JAON): O primeiro contato com tradução foi no curso de Letras anterior, em inglês e português: em palestra, o professor Flávio di Giorgi, então na cadeira de latim da USP, falava com entusiasmo sobre textos antigos, e com pesar, porque inacessíveis em nossa língua. Disse que era “dever disponibilizar a todos aquele patrimônio da humanidade”. Não esqueci aquelas palavras, que concorreram para que me decidisse a cursar Clássicas. Pois bem, em 1988, concluído o segundo bacharelado, começava a lecionar na cadeira, bem quando a professora Maria da Glória Novak organizava a antologia de poesia latina, na qual me coube traduzir alguns epigramas de Marcial. A antologia foi primeiro editada pelo próprio Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP e depois pela Editora Martins Fontes, com o título *Poesia Lírica Latina* (Novak, Maria da Glória & Neri, Maria Luiza (orgs.). *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992).

CT: *Você fez primeiro um bacharelado em inglês e português antes de fazer o bacharelado em latim e grego. Em que medida o primeiro bacharelado teve impacto em sua formação de classicista?*

JAON: O bacharelado em inglês forneceu-me o segundo motivo (e motivação) para cursar Clássicas. Em 1982, no programa de Literatura Inglesa e Norte-Americana constavam T. S. Eliot, Ezra Pound, James Joyce, cujas obras, cheias de referências intertextuais à literatura antiga, despertaram meu interesse por ela, se possível no original, para compreender aqueles escritores: pareceu-me que, se autores modernos paradigmáticos se serviam de matéria antiga para acionar poéticas ainda em vigor, a mim, ao professor de Teoria Literária ou de Literatura Anglo-Americana ou mesmo de Literatura Luso-Brasileira que eu então queria ser, era obrigatório conhecer bem aquela matéria. Fiz o que era só desvio e dele nunca mais saí.

CT: *Você traduziu Catulo, poemas sobre Priapo, Calímaco e Horácio? Você poderia falar um pouco sobre seus textos e autores clássicos preferidos?*

JAON: Vários poemas de Catulo apresentam notável dissociação entre simplicidade lingüística e complexidade semântica, e o conjunto deles exhibe matéria e elocução variadas, isto é, elevadas nos hinos, epitalâmios, elegias fúnebres, mas baixas nos iambo risíveis e nos vituperiosos. Catulo é cultor de vários gêneros – lírica, elegia, iambo – que para os antigos eram distintos, além de uma espécie de épica: além de praticá-los, mistura-os, combina-os. Ademais, é o poeta não-cômico que mais engenhosamente produz o risível. Calímaco para os gêneros que aponte é, depois de Homero, o autor grego mais importante por ter estabelecido os preceitos poéticos de um grupo de poetas-bibliotecários da Biblioteca de Alexandria, preceitos que autores como Catulo, Horácio, Virgílio, Ovídio, Propércio, Tibulo e Marcial acolheram. Até pouco tempo atrás era praticamente ignorado na Universidade brasileira como preceptista; agora tem sido estudado, mas apenas por causa da preceptiva, ou por causa de *poética*, isto é, por causa das idéias (a matéria), que se podem traduzir em prosa, mas não como *poeta*, isto é, por causa do modo como as diz (a elocução). Por isso, é bem oportuno aqui lembrar que a tradução poética é que pode mostrar de uma só vez a excelência dele como poeta e como teórico. Essas são minhas preferências fixas. Outras variam segundo os interesses do momento, como Marcial, a que tenho me dedicado de modo intermitente, e agora Plínio, o Jovem, de quem devo traduzir com bolsa PQ uma seleção de 80 epístolas poéticas, retóricas, pictóricas e escultóricas.

CT: *Embora professor de latim, você traduz também do grego. Como você vive essa sua dupla inserção?*

JAON: Propriamente com *satisfação*: traduzir grego e latim comunica-me uma espécie de plenitude para com as “Letras Clássicas”

e a “Filologia”. Costumo dizer que *sou* helenista e latinista, mas *trabalho* como professor de latim na graduação. Na Pós, o curso que ministro tem matéria grega e matéria latina, assim como as tem a *Priapéia*. Apesar da inevitável inserção de docentes e pesquisadores numa ou noutra área, creio que nossos cursos de graduação deveriam integrar as áreas para formar só e sempre classicistas, em vez de meros latinistas e meros helenistas. Todos ganhariam se nos próprios Estudos Clássicos não se litigasse mesquinamente para provar qual das duas áreas é mais importante, já que na velha “Filologia” nunca houve especialização.

CT: *Quais são as maiores dificuldades para traduzir textos do grego e do latim para um público brasileiro do século XXI?*

JAON: Restringindo-me à poesia, embora não exclusivamente a ela, a maior dificuldade – eu diria a mais ampla, porque acarreta as demais – é a grande diferença entre a mentalidade dos antigos, que grosso modo prioriza o que é público e exterior à pessoa, e a nossa mentalidade, que faz o oposto, prioriza o que é privado e interior da pessoa. Os antigos, mesmo quando tratam de afetos, isto é, mesmo tratando do que chamamos “sentimentos”, “emoções”, que nos são subjetivos, fazem-no de maneira objetiva e concreta: quando não recorrem ao mito, que é repertório de todos, aludem ao que outros autores escreveram, repertório igualmente compartilhado pelas pessoas cultas. Ao mesmo tempo, utilizam diálogo, por meio do qual a *persona* poética exterioriza ao interlocutor o que se lhe passa no espírito. A maioria dos poemas antigos ou é diálogo, ou é a metade dele (alguém explicitamente dirigindo-se a outrem) ou contém diálogo. Ora, mito, alusão, diálogo implicam haver personagens, autores, locais, tempos, que vêm nomeados, e todos esses nomes, se eram reconhecíveis e poeticamente significativos para os antigos, já não são para o público do século XXI, brasileiro ou donde for. Por tudo isso, tradução de poesia antiga costuma ser muito anotada; assim, o tradutor poder manter aqueles nomes e contextualizá-los nas notas, mas corre o risco de seqüestrar para elas o que devia ser do poema:

os críticos dirão que “explicou a piada”. Pode nada anotar, e não ser nada compreendido. Dirão que é inútil. Poderá acomodar o discurso antigo a alguma poética contemporânea, mas (sub)trairá elementos da cultura antiga, e os críticos dirão que, infiel, adulterou o que devia transmitir. Vida de tradutor é dura.

CT: *Como você vê a história da tradução dos textos gregos nos países de língua portuguesa?*

JAON: Permitam-me alongar-me nesta resposta. “História da tradução dos textos gregos” tem dois sentidos: se significar o que foi feito, isto é, a soma de todas as traduções feitas do grego em português nos países lusófonos, afirmo que é muito lacunar. Há inúmeros textos importantes ainda sem tradução para o português, o que é inaceitável, já que a literatura grega, assim como a latina, é um conjunto praticamente finito, com pouco acréscimo trazido pelas descobertas, que, mesmo assim, ocorrem em tempo muito maior do que aquele que levaria para traduzir o que nunca foi traduzido. Estamos atrasadíssimos: “inéditos” há, entre outros, poetas líricos arcaicos gregos, poetas pré-helenísticos e helenísticos, oradores e muitos epigramatistas da *Antologia Grega*; entre os romanos, vários discursos de Cícero, as *Instituições Oratórias*, de Quintiliano, *As Epístolas* de Plínio Jovem e historiógrafos tardios não têm tradução integral. Com frequência, quando têm, ou a tradução é indireta – como *A História de Roma* de Tito Lívio, integral, publicada pela Paumape (Lívio, Tito. *História de Roma* (introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989, 6 vol.), que, honesta e útil, é indireta, do italiano – ou é direta, mas pondo em prosa o que era verso, como a versão portuguesa dos *Epigramas*, de Marcial feita por vários tradutores e publicada pelas Edições 70 (*Epigramas de Marcial* volumes I, II, III e IV. Introdução e notas de Cristina de Sousa Pimentel; tradução de Paulo Sérgio Ferreira, Delfim Ferreira Leão e José Luís Brandão. Lisboa: Edições 70, 2000). Nos últimos 20 anos, voltou-se a traduzir e publicar no Brasil por várias editoras, mas sem ne-

nhum planejamento *nelas* e *entre elas*, como a presença por justo soldo de organizadores de coleção. Uma das conseqüências é que amiúde se retraduzem obras já traduzidas (as “clássicas” dentre os Clássicos, tragédias gregas, tratados de Sêneca), mantendo-se aquele “ineditismo”. Os portugueses têm também muito traduzido e publicado: pelo INIC (Instituto Nacional de Investigação Científica) nos anos 80, depois pelas Edições 70 e recentemente também pela Imprensa Nacional / Casa da Moeda (“Biblioteca de Autores Clássicos”), que menciono porque revela como que um projeto sistemático de traduzir tudo.

Entendendo-se, porém, “história da tradução dos textos gregos” como o registro e o estudo crítico dos textos gregos (e bem deveria acrescer os latinos) traduzidos em toda a história da língua portuguesa, digo que é trabalho incipiente, iniciado pelos portugueses, mas ainda por incrementar lá e cá. Não posso deixar de consignar o pioneiro esforço de A. A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal: Tentativa de Resenha Cronológica em Língua Portuguesa Excluindo o Brasil de 1495 A 1950*, em 5 volumes (Rodrigues, A. A. Gonçalves. *A Tradução em Portugal*. Lisboa : INCM, 1992), que é monumental, por dizer respeito à tradução de qualquer língua em português em mais de 500 anos, porém parcial, por excluir o Brasil e só contemplar o que foi impresso e publicado. Ora, há muitas traduções importantes de textos gregos e latinos, manuscritas e inéditas, mas já catalogadas nas bibliotecas portuguesas; da *Eneida*, entre versões integrais e parciais em prosa e em verso há 6, arroladas por Aires Augusto do Nascimento, que decerto integram a História da Tradução. Creio que só em equipe e a longo prazo temos condições acadêmicas de cumprir essa tarefa, mas essas condições até agora não existem. Testemunho que tentei em 2008 criar no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP a Linha de Pesquisa História da Tradução de Textos Gregos e Latinos em Português, que foi rejeitada por alguns colegas, que me acusaram de privilegiar minha própria pesquisa. Era sim pesquisa minha, mas era a tentativa de institucionalizá-la e torná-la coletiva. Menos mal, porque a transformei em Projeto de Pesquisa meu, no Programa e nos Diretórios de Grupos de Pesquisa do CNPq com o nome: VerVe:

Verbum Vetere: Estudos de Poética, Tradução e História da Tradução de Textos Latinos e Gregos, que é também domínio em construção (<http://citrus.uspnet.usp.br/verve>) integrado por classicistas tradutores da USP, UNESP e UFPR. A meu ver, é preciso primeiro publicar, digamos, *ir publicando* as traduções antigas, inéditas ou já impressas, acompanhadas de estudo para que alcancem público maior, para que formem a consciência entre os tradutores, pesquisadores e público de que há práticas congêneres precedentes, ou seja, de que há uma história da tradução vernácula de textos clássicos. No estudo de cada publicação destas, um item, creio, deveria ser necessariamente tratado: as circunstâncias da tradução: quem patrocinou (quando for o caso), a quem se destinava e para que fim, e por si tudo isso bem mostraria as estratégias da tradução. Mediante tais informações poder-se-iam rastrear os autores e os gêneros mais apreciados em cada época e investigar os motivos, procedimento que equipara a tradução à literatura e faz da História da Tradução parte da História da Literatura. Secundária, mas paralelamente, creio que se devem publicar à parte, em *séries*, como tem feito o NUPLITT, as teorias antigas da tradução, para materializar muito humildemente uma série: a História da Teoria e das Práticas de Tradução de Textos Gregos e de Textos Latinos para o Português. Se cada área assim fizer na própria série, daremos um grande passo para a elaboração da História da Tradução em português.

CT: *Você lê traduções de autores latinos e gregos para outras línguas?*

JAON: Leio e faço-o por motivos diversos. Ao traduzir, pesquiso as estratégias poéticas de outros tradutores, para imitá-los, sim, quando são dignos de imitar, como os antigos mesmos faziam, para aprender com eles. Ao lecionar, recorro a elas, mesmo quando não são traduções literárias, porque com certa frequência a mesma passagem é interpretada diferentemente pelos estudiosos-tradutores, que então examino e comparo: a questão de sentido e tradução aqui ombreia a interpretação. Outras vezes, utilizo diferentes traduções, incluindo as feitas para o português, para ilustrar aos alunos diferentes perspectivas teóricas e diferentes finalidades de cada uma.

Tento assim mostrar que tradução é plurívoca, não tem uma só via e implica escolhas e pressupõe teorização, mínima que seja.

CT: Como você vê a relação dos Estudos Clássicos com os Estudos da Tradução?

JAON: Por um lado, desde que se criou Pós-graduação em Clássicas no Brasil, a tradução tem integrado quase toda dissertação de mestrado e de doutorado em Clássicas: estudar autores e obras antigos pressupõe inteligência do texto, feita mediante a mera tradução do sentido, sem preocupação poética nem retórica. É o que chamam “tradução acadêmica” ou “tradução literal”, que os próprios autores advertem não conter pretensões “estéticas”, “literárias”, “poéticas”, quando dizem algo a respeito dela, pois muitas vezes nada dizem, como se traduzir, mesmo sem pretensões estéticas, literárias e poéticas, fosse coisa natural. Por freqüente que seja, esse contato em nada cresceu teoricamente a relação entre Estudos Clássicos e Estudos da Tradução. Por outro lado, com o renovado interesse por Retórica em Letras Clássicas e a atenção que desperta para a elocução nos discursos oratórios e em outros discursos em prosa, como História, Filosofia, Epistolografia, os melhores estudantes perceberam que até na prosa sempre houve agenciamento formal, isto é, retórico, que no limite é poético, motivado pela intenção de persuadir, de modo que a “mera” inteligência do *sentido* desses discursos, feita, como disse, mediante tradução, já não pode mais prescindir de agenciamento formal: os bons estudantes, que agora reconhecem os tropos retóricos (as figuras de linguagem), começam a ser compelidos a traduzi-los tropicamente e refletir em como fazê-lo: na prática, começam a fazer teoria. Creio que estamos nesse ponto.

CT: Como você seleciona os textos e autores?

JAON: Interessam-me ainda os autores ainda não traduzidos e interessam-me textos importantes para a teoria dos gêneros poéticos na Antigüidade, em particular os referentes à diferença entre lírica,

elegia, iambo e epigrama, de que trato na Pós-Graduação. Esses interesses são o critério para selecionar o que traduzo. Assim, à guisa de exemplo, de tudo que há de Calímaco de Cirene, chefe de escola da poética helenística, traduzi em verso para a primeira edição do *Livro de Catulo* só alguns poemas programáticos. Para a segunda edição, ora em preparo, traduzi recentemente os poemas programáticos restantes.

CT: *As editoras para as quais você traduz impõem alguma condição para a tradução dos textos?*

JAON: Não impõem nem jamais impuseram. Edusp e Ateliê Editorial muito profissionalmente me deram liberdade total para traduzir, para anotar à larga e apor extensa lista bibliográfica.

CT: *Como se deu o processo de revisão e de preparação do texto traduzido em suas traduções publicadas?*

JAON: Foi trabalho longo e bem árduo porque tive, primeiro, que corrigir, admito, os muitos erros que tinha deixado passar no mestrado e no doutorado que *O Livro de Catulo* e *Falo no Jardim* antes foram. Houve 6 provas para cada livro, quando costuma haver 3: ambos levaram 2 anos para sair desde a entrega dos originais, porque eu me demorava no rever as provas. Cheguei a contratar leitor crítico para *Falo no Jardim* e eu mesmo aprendi a elaborar índice remissivo com um preparador de texto profissional. Em segundo lugar, *Falo no Jardim* é livro editorialmente muito difícil, porque tem 3 capítulos de ensaios, apêndice em cada um deles, 4 seções de tradução bilíngüe que requereram cuidadosa quebra-de-página (pois as traduções antigas ali presentes não mantêm o mesmo número de versos), inúmeras notas de rodapé e 60 imagens com legendas: só um editor como Plínio Martins Filho para editar um livro assim, e Tomás Martins, filho dele, para editorá-lo; bem entendido: só eles para aturarem um autor como eu.

CT: *Em sua opinião, qual é o papel da tradução na transmissão dos textos clássicos?*

JAON: Imaginemos todos os escritores, todos os leitores, todos os professores de Letras, de Humanidades e das outras matérias, todos os sábios, intelectuais, roteiristas, jornalistas, estudantes, pesquisadores, diletantes cultos reunidos num auditório gigantesco paradisíaco, ou talvez infernal: a nata dos literatos do mundo. Imaginemos que não fossem pedantes; melhor, imaginemos que fossem incapazes de faltar à verdade. Se lhes indagassem quem dentre eles havia lido toda a *Ilíada* em grego ou toda a *Eneida* em latim, quantos responderiam “sim”? Decerto haveria vários, muitos até, e talvez alguns fossem professores de grego e de latim. Mas estes leitores do original seriam, sozinhos, responsáveis pela importância que a *Ilíada* e a *Eneida* tiveram e têm? Não seriam! Entregues só a leitores de grego e latim, a *Ilíada* e a *Eneida* se tornariam o paradigma que foram? Não se tornariam! Quantos professores de grego e de latim leram tudo o que leram da literatura grega e da literatura latina *apenas em grego e em latim?* Nenhum, afirmo. E se leram muito, como creio, leram em tradução. *Ilíada* e *Eneida* já eram clássicos na Antigüidade, mas após o desaparecimento de seus idiomas só continuaram a ser clássicos por causa da tradução. Não obstante o desprezo dos filólogos europeus, não fosse a tradução, não haveria hoje textos *clássicos* da Antigüidade greco-romana, mas apenas textos escritos em mais uma ou duas línguas estrangeiras exóticas.

CT: *Você utiliza alguma teoria, ou segue alguns princípios teóricos, na hora de traduzir?*

JAON: Sigo. Vou referir-me à poesia, que tenho traduzido com muito mais freqüência, mencionando alguns aspectos formais *que preservo*. *Mantenho o mesmo número de versos do poema original*, pois creio que a unidade do poema é o verso, e o entendo como uma seqüência sonora provida de sentido situada entre dois silêncios. Em outras palavras, mantenho o número de unidades. Bem pode-

ria haver para a poética, e aqui estou propondo que haja, o termo “isostiquia”, isto é, “igualdade no número de versos”.

Mantenho *metrismo*, isto é, *traduzo só em versos métricos*, e adoto o verso português conveniente à manutenção do número de versos. Única exceção é a solitária tradução que fiz de Píndaro (“Olímpica XI”).

Mantenho isometria unívoca, ou seja, traduzo sempre pelos mesmos metros em português certos metros em grego e latim; por exemplo, o hexâmetro datílico (verso da épica) traduzo sempre pelo dodecassílabo (se possível, o alexandrino perfeito dos parnasianos, que acho, sim, perfeito; senão, os dodecassílabos assim acentuados: 6+6, com quaisquer acentos secundários pares; 3+6+9+12 e 4+8+12). O pentâmetro, que com o hexâmetro forma o dístico das elegias e de muitos epigramas, traduzo em decassílabos heróicos ou sáficos, de modo a formar um dístico vernáculo de dodecassílabo com decassílabo. Isto não quer dizer que não adote decassílabo e dodecassílabo para outros metros antigos que não sejam o hexâmetro e o pentâmetro datílicos. A isometria é unívoca, mas não biunívoca, e admito que *teórica* ou *idealmente* seria bom que sempre fosse. Explico-me: algumas vezes o poema impõe um metro conveniente à sua tradução, diferente do utilizado para traduzir o mesmo metro em outro poema antigo e o tradutor, considerando só o poema, cede, de modo que, se no livro existe premeditada ordem na variação métrica dos poemas visando a determinados efeitos (como nas *Odes* e *Epodos* de Horácio), numa tradução integral em que não é preservada tais efeitos terão sido sacrificados.

Isomorfia estrófica, quando o original é estrófico, isto é, preservo estrofes se o original as possui, e preservo o número de versos de cada estrofe original. Nem sempre consigo manter a diferenciação métrica que às vezes ocorre com um verso em relação aos outros da estrofe: consigo-o no poema 34 de Catulo, mas não no poema 61. Analogamente, não insiro estrofes na tradução de poemas que não as têm.

Isomorfia rímica, isto é, não insiro rimas nos poemas antigos, que não as possuem. Só o fiz no poema 1 da *Priapéia Latina*, em que rimo “Vesta” com “testa”.

Isomorfia elocutiva. Mantenho o gênero de elocução – elevada, média e baixa – com atenção especial à última porque poemas de matéria e elocução baixa ou foram totalmente eliminados ou tiveram partes eliminadas nas traduções pudicas, antigas ou modernas.

CT: *Como você se documenta sobre o autor e o texto para efetuar o trabalho de tradução (história, biografia, estudos críticos etc.)?*

JAON: Utilizo todas as ferramentas disponíveis, mas para mim duas são as mais importantes: artigos pontuais que discutem dificuldades de certos poemas e, principalmente, o “Comentário”, publicação filológica que explica linha a linha o texto antigo, dando informação ecdótica (propondo até conjectura nos passos lacunares), morfo-sintática, semântica, poética e histórica. De certa forma, faz o papel das outras.

CT: *Você tem defendido a tradução como literatura vernácula. Você poderia explicitar essa sua posição?*

JAON: Toda tradução, como é óbvio, é feita na mesma língua da literatura vernácula, às vezes pelos mesmos autores de obras originais, e por lhes ser contemporânea, está sujeita, no que depende de circunstâncias históricas, a agenciamento formal semelhante ao que obras originais recebem; além disso, destina-se ao mesmo público e interfere nele e na cultura do país de modo semelhante ao modo como as obras originais neles interferem: em suma o ponto de chegada é absolutamente o mesmo. Mas os historiadores de literaturas nacionais em muitos países, inclusive o Brasil, para decidir o que é pátrio, ainda que investiguem o ponto de chegada, preferem ainda hoje considerar apenas elementos do ponto de partida: a pessoa do criador originário e a própria criação originária, seguindo passo a passo, mas sem saber, o ideário romântico do século XIX. Tais historiadores contemporâneos, supostamente munidos do arsenal da Teoria Literária do século XX, acreditam que não são românticos. Se essas histórias da literatura fossem apenas o rol do que se

escreveu originariamente na língua de um país por seus cidadãos, não haveria o que reparar – toda lista tem utilidade –, mas põem-se a discutir a importância que algumas obras tiveram naquele tempo, naquele lugar – pois querem-se *historiografia* – adentrando o território da recepção e da circulação das obras, ou seja, acolhendo agora, muito parcialmente, algo do ponto de chegada, *que não é exclusivo das obras vernáculas*. Que seja assim, que sejam historiografia, desde que fique claro que não são a história das letras daquele país, não são a história dos seus escritores, não são a história das idéias, não são a história das obras importantes que ali circularam, não são a história das mentalidades, não são, enfim, a história da *literatura* daquele país, mas apenas parte dela, apenas a *História do que se Escreveu Originariamente na Língua de um País por Seus Cidadãos*. Entre nós, o trabalho a fazer é imenso, pois há que redefinir “literatura” e o que é “brasileiro”; há que refletir se importa, quando importa e o quanto importa o que é “brasileiro” e o que é “em português”; e depois investigar a circulação *de todas as obras importantes publicadas em português* e seus agentes: autor, tradutor, editor, público alvo, recepção, circulação, crítica e repercussão. Talvez a próxima geração de historiadores da literatura tenha mentalidade aberta o suficiente para acolher o novo critério, mas não consiga levar a cabo trabalho tão grande. Os historiadores da tradução podem, entretanto, começar a fazer sua parte – dedicar-se ao que se traduziu – agora já não estudando as teorias, mas tudo o que respeita à chegada: público alvo, recepção, circulação, crítica e repercussão.

CT: *Qual seria o papel de uma crítica da tradução?*

O termo é amplo e talvez a atividade também seja, compreendendo desde resenha crítica de traduções feita “a quente”, logo após publicadas, até a análise da repercussão que tiveram na divulgação de autor, gênero e outras obras da língua ou do país de origem; no estabelecimento de gosto e público, e, a partir daí, o quanto con-

correram para produzirem-se outras traduções e obras originais. Isso só se pode realizar bem depois.

A crítica como resenha imediata é importante desde que feita também por razões literárias, e não só político-acadêmico-editoriais; desde que procure discriminar os critérios e estratégias positivos por que a tradução foi elaborada, e não aqueles de que o crítico mais gosta e que segundo ele deveriam ter sido adotados pelo tradutor. O crítico-resenhador deve assim agir, ainda que ele mesmo seja tradutor, ainda que, como tal, acolha nas próprias traduções critérios diferentes. Sua necessária parcialidade, isto é, sua inevitável tomada de partido como tradutor não deve sobrepor-se ao distanciamento que deve ter como crítico. É difícil exercício de alteridade e já é também um pouco de história da tradução, como disse.

Sobre crítica entendida como análise do quanto repercutiu determinada tradução ou um conjunto orgânico delas (não digo que o crítico deva fazer aquilo tudo sozinho), penso que é o que falta fazer com mais frequência no Brasil e talvez seja a tarefa mais importante. Digo “conjunto orgânico” porque quero exemplificar com *O Clube do Livro e a Tradução*, de John Milton, aquilo que acima falei sobre este tipo de crítica. Tenho idade para lembrar-me de quando havia poucas traduções diretas do russo e dos defeitos – verdadeiros, sim – que então se apontavam nas traduções indiretas, fossem do Clube do Livro, fossem de outras editoras. Mas não é menos verdadeiro, como John Milton mostra, que graças a elas se formou público apreciador de romance e foi possível conhecer autores como Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov no Brasil nos anos 40. São fatos verdadeiros que podem até contradizer-se, mas não se excluem, o que é historiograficamente óbvio, pois faz-se primeiro história do que sucedeu, e depois a análise do que deveria ter sucedido. De minha parte, penso em investigar pouco a pouco com auxílio dos orientandos em que tradução leram (se leram e se leram traduzidas) obras seminais antigas, digamos a *Ilíada*, a *Odisséia* e a *Eneida*, certos grupos de letrados: por exemplo (partindo do que me é mais próximo) os decanos da FFLCH da USP; depois, decanos das Universidades paulistas, decanos das Universidades

brasileiras; em seguida, escritores, roteiristas, jornalistas. Paulatinamente, substituir-se-iam as obras/autores – em vez de *Ilíada*, *Odisséia* e *Eneida*, poderiam ser a *Poética* de Aristóteles e a de Horácio – e em seguida substituir-se-ia o grupo de letrados: seria a vez, por exemplo, dos atuais professores de Letras no Brasil, dos atuais graduandos, dos atuais pós-graduandos, dos recém-graduados etc. Fica a sugestão.

CT: *A tradução poética tem recebido atenção particular no Brasil desde Odorico Mendes. Você poderia falar sobre a tradução poética em relação à tradução dos outros gêneros no país?*

JAON: É fato que no Brasil se valoriza a tradução poética mais do que em países onde se traduz mais, e é inegável que o fato se deve ao trabalho de Manuel Odorico Mendes, que a praticou e refletiu sobre ela, teorizando-a. Mas é obrigatório reconhecer que só podemos hoje pagar o devido tributo a Odorico Mendes, graças ao que há 50 anos vem fazendo Augusto de Campos e principalmente o que fez Haroldo de Campos. Com exceção de *Finnegans Wake*, eles traduziram só poesia, o que ocasionou, creio, o apreço mais evidente, até midiático, por tradução de poesia no Brasil. Entretanto, é preciso lembrar que, apesar de injusta invisibilidade, tivemos grandes tradutores de prosa literária, como Carlos Alberto Nunes para os *Diálogos* de Platão; Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana para romances de Proust; Antônio Houaiss para *Ulisses*, de Joyce; Lúcio Cardoso para Daniel Defoe, Jane Austen, Emile Brontë entre outros. E grandes tradutores temos ainda agora, quer na prosa de ficção – Nilson Moulin para os livros de Italo Calvino; Jorge Schwartz, Carlos Nejar, Glauco Mattoso e Alexandre Eulálio dentre vários outros para a obra de Jorge Luis Borges. Sebastião Uchoa Leite, para Lewis Carroll –, quer na ensaística (que incluo na?? tradução técnica), e cito Samuel Titan, Alípio Correia de França Neto e Denise Bottman, ainda que não se dediquem só a ela, e todos os tradutores do NUPLITT. É aqui na ensaística e nas obras de divulgação que encontro grandes

problemas de tradução, dos quais uma causa todos conhecemos: a quantidade de livros e a pressa com que são editados, nem sempre acompanhadas da respectiva disponibilidade de tradutores aptos nem do interesse das editoras pelos mais qualificados e mais bem pagos. Tradutores há proficientes em línguas estrangeiras, mas insuficientes em português. Outra causa, mais importante a meu ver, é bibliográfica: a falta de obras de referência que estabeleça uniformidade na *grafia* de nomes geográficos e biográficos antigos e na *transliteração* de nomes geográficos e biográficos contemporâneos. Enquanto o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa traz na parte II um “Vocabulário Onomástico” com muitos desses nomes, a recém-lançada 5ª edição do congênere patricio – *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia Brasileira de Letras – não os consigna nem lhes dedica parte alguma. Tradutores não especialistas em Letras Clássicas (não são obrigados a ser) grafam “Possêidon”, “Pria-po”, “Semele” quando o melhor é “Posídon”, “Priapo”, “Sêmele”. Quanto à transliteração de nomes contemporâneos, pergunto se, por exemplo, devo grafar “Siwa” ou “Siwah” ao referir-me ao deserto egípcio. São os jornais com seus *Manuais de Redação* que têm feito para si o trabalho das ABL: apesar de alguns equívocos, fazem-no com bravura, mas, como disse, só para uso interno, de sorte que, sem padronização *entre jornais*, a falta de critério único persiste. Os terroristas que na *Folha de São Paulo* são do “Taliban” no *Estado de São Paulo* são do “Talibã”. Fatos recentes – Guerra da Bósnia, invasão do Afeganistão, do Iraque – e a cobertura jornalística que recebem só trazem à tona um problema que nossos historiadores, ensaístas e tradutores sempre tiveram. Encerro, então, com uma conclamação grandiosa: cabe à ABL e à Academia de Ciências de Lisboa organizar, borgianamente completo, um *Atlas Onomástico da Língua Portuguesa*. Que demore, devem sempre fazê-lo e disponibilizá-lo na internet à medida que o compuserem.

ANEXO

Traduções publicadas

Catulo, Caio Valério. *O Livro de Catulo* [114 poemas]. Tradução, Introdução e Notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: EDUSP, 1996. Prêmio APCA de melhor tradução de 1996.

Calímaco, *Epigramas* 1, 18 e 28: *O Livro de Catulo*, 1996, pp. 39, 33 e 31 respectivamente.

Marcial, *Epigramas*, 1, 16: *O Livro de Catulo*, 1996, p. 65.

Benvenuto de Campesani de Vicenza, *Versos sobre a ressurreição de Catulo de Verrona: O Livro de Catulo*, 1996, p. 66.

Antologia Palatina (ou *Antologia Grega*), 38 epigramas.

Livro 5, poema 200.

Livro 6, poemas 21, 22, 33, 89, 102, 192, 193, 232, 254, 292. Livro

9, poemas 334, 338, 437.

Livro 10, poemas 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 17. Livro 11, poema 224.

Livro 16, poemas 86, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 260, 261: *Falo no Jardim: Priapéia Grega Priapéia Latina*. Tradução do Grego e do Latim, Ensaios, Introdução, Notas de Iconografia de João Angelo Oliva Neto. Cotia: Ateliê Editorial / Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, pp. 175-195.

Priapéia Latina (todos os 86 poemas anônimos do *Corpus Priapeorum*): *Falo no Jardim*, 2006, pp. 209-257.

15 poemas priapeus latinos (13 poemas não-anônimos e dois anônimos não pertencentes ao *Corpus Priapeorum*):

Horácio, *Sátira* 1, 8.

Petrônio, *Satíricon*, 133, 139.

Columela, *Sobre a Agricultura*, 10, 29-44.

Marcial, *Epigramas*, Livro, 6, poemas 36, 49, 72, 73, 91.

Livro 8, poema 40.

Livro 14, poema 70.

Prudêncio, *Contra Símaco*, 101-115.

Fúrio Bibáculo, fragmento 1.

Antologia Latina, 885.

CIL (*Corpus Inscriptionum Latinarum*), 6, 3708: *Falo no Jardim*, 2006, p. 277-301.

Plínio, o Jovem, *Epístolas*:

Livro 4, 14.

Livro 5, 3: *Falo no Jardim*, 2006, pp. 108-111.

Belli, Giuseppe Gioachino, *Er Padre de li Santi*, poema em dialeto romano: *Falo no Jardim*, 2006, p. 359.

4 poemas integrais que mencionam Priapo:

Marcial, *Epigramas*,

Livro 1, poema 35.

Livro 10, poema 92.

Livro 11, poemas 16, 51, 72.

Luxório, poema 54: *Falo no Jardim*, pp. 311-325.

Américo Vespúcio, *Quatro Navegações*: AMÉRICO VESPÚCIO, *Novo Mundo: as Cartas que Batizaram a América*. Apresentação e notas de Eduardo Bueno. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003, pp. 63-118.

Píndaro, *XI Ode Olímpica*: *Cadernos de Literatura em Tradução* 3, 1999, p. 75.

Marcial, *Epigrama 4, 21*: *Cadernos de Literatura em Tradução* 3, 1999, p. 76.

Horácio, *Ode I, 38*: ACHCAR, FRANCISCO. *Lírica e Lugar-Comum: Alguns Temas de Horácio e sua Presença em Português*. São Paulo, EDUSP, 1994, p. 215.

Marcial, *Epigramas*:

Livro I, poemas 16, 32, 64.

Livro III, 8.

Livro IV, 36, 65.

Livro V, 34: NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza (org.). *Poesia Lírica Latina*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2003, pp. 231-245 (1ª ed. 1989).

Florentino, Lúcio Aneu. "Proêmio" do *Breviário de História Romana*: NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza; Peterlini, Arivaldo Augusto (org.). *Historiadores Latinos: Antologia Bilingüe*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1999, pp. 229-231 (1ª ed. 1988).